

ORALIDADE E A ESCRITA, E O LETRAMENTO EM SOCIEDADES DE ORALIDADE SECUNDÁRIA

José Mario Botelho (FFP-UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

1. Introdução

Muitas são as pesquisas que se fizeram em torno da comparação entre a linguagem falada e a linguagem escrita, com o objetivo de estabelecer as características que as distinguem e as que as aproximam. Entretanto, alguns pesquisadores se preocuparam com outros aspectos desses dois fenômenos, que vinham sendo vistos por muitos como meras modalidades de uma dada língua.

A identificação de uma oralidade anterior ao advento da escrita, por exemplo, é um desses aspectos. A partir de tal identificação, esses estudiosos procuraram refletir sobre como a prática da escrita transformou a prática da oralidade.

Logo, há também quem se preocupa com o fato de a oralidade das comunidades modernas – comunidades de oralidade secundária – se caracterizar como um fenômeno oral que se assemelha à escrita, o que confere à oralidade uma prática do letramento.

Especial atenção recebe, neste trabalho, a tese de Ong (1982) acerca da caracterização de uma oralidade primária e seu processo de memorização de conhecimento, que se distinguiu do da oralidade secundária. O autor esclarece que a oralidade primária – oralidade de uma cultura oral essencialmente – caracteriza-se pela repetição de estruturas formulares na interação social oral, e que a secundária, por ser a oralidade de uma cultura fundamentalmente escrita, caracteriza-se pelo registro em livros e em outros meios tecnológicos.

De fato, não desenvolveremos nenhum tipo de digressão acerca dessa tese de Ong, por não ser o nosso objetivo. Deter-nos-emos no fato de ser a oralidade que se efetiva paralelamente à prática da escrita uma prática de letramento e de serem letrados todos os membros normais de tal sociedade, porquanto inevitavelmente se estabe-

lece um ciclo de influências mútuas (BOTELHO, 2001) entre a oralidade e a escrita como práticas sociais das sociedades atuais.

No passado, surgiram estudos linguísticos que compararam a linguagem falada e a linguagem escrita de indivíduos que sabem ler e escrever, sob uma pseudoperspectiva do letramento. O objetivo desses estudos se limitava em saber se tais modalidades da língua eram iguais ou diferentes.

Atualmente, a perspectiva é outra, e muitos estudiosos veem semelhanças entre os fenômenos oral e escrito, uma vez que os relacionam a partir de um contínuo tipológico e consideram o ciclo de simulações mútuas e contínuas, que se estabelecem durante as suas práticas.

Tal perspectiva encontra respaldo nos estudos de Chafe (1987), o qual comparou textos, de natureza prototípica, da oralidade e da escrita, produzidos por acadêmicos (professores e alunos de Universidade dos Estados Unidos) durante um determinado tempo.

Pouco mais tarde, num outro artigo com Deborah Tannen, Chafe, considerando o artigo acadêmico como protótipo da escrita e a conversação, o protótipo da oralidade (CHAFE; TANNEN, 1987), digressiona sobre diferenças e semelhanças entre as linguagens oral e escrita.

Botelho (2001 e 2003), por sua vez, corroborando Chafe e Tannen e considerando o contínuo tipológico, digressiona sobre as influências que a oralidade e a escrita, como práticas sociais de letramento, exercem uma sobre a outra, ao analisar textos orais e escritos de alunos de dos ensinos fundamental e médio do Colégio Pedro II, do Humaitá.

Decerto, em virtude de tais influências que se dão, nos diversos estágios de suas práticas, mais semelhanças do que diferenças foram constatadas naquelas narrativas analisadas, com o predomínio de uma modalidade sobre a outra nos vários estágios de letramento.

Logo, não se pode negar que há semelhanças entre a oralidade e a escrita, não só porque a língua é a fonte de ambas para as suas

produções, mas, sobretudo, porque essas duas práticas sociais fundamentais do homem moderno não são estanques.

O objetivo desta comunicação é, pois, descrever o ciclo de influências mútuas, que se estabelece nas práticas da oralidade e da escrita em sociedades de oralidade secundária, e refletir sobre o papel que essas modalidades da língua exercem na formação e no desenvolvimento do letramento em tais sociedades.

2. *Oralidade secundária*

Houve um tempo em que a escrita era considerada como um mero complemento da oralidade. Os estudiosos, de fato, concebiam a escrita como mais uma modalidade a serviço de alguns usuários, os que aprendiam a escrever, e não como um elemento transformador da verbalização em si. Concebia-se, pois, a escrita como mais uma ferramenta à disposição do homem para que ele pudesse exprimir as suas ideias e se comunicar conveniente. Não se atribuía à escrita o caráter de fenômeno transformador das expressões do pensamento e da comunicação, que, além de serem um produto físico, é também o resultado de um processo psíquico.

Ong (*Op. cit.*) procura identificar e descrever a oralidade primária e a secundária, distinguindo-as. Na oralidade primária, os falantes não eram afetados pela escrita ou pela impressão, que ainda não existiam; na oralidade secundária – típica das sociedades contemporâneas –, a efetivação da oralidade se dá paralelamente à efetivação da escrita e da impressão.

Logo, outro tipo de oralidade é desenvolvido nas sociedades modernas, que são, em geral, escolarizadas, industrializadas e marcadas pelo conhecimento científico-tecnológico e pelos meios de comunicação de massa.

(...) designo como “oralidade primária” a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. É “primária” por oposição à “oralidade secundária” da atual cultura de alta tecnologia, na qual nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. (ONG, 1988, p. 19)

O autor ressalta também que a cultura oral primária praticamente não existe, porquanto praticamente todas as sociedades modernas já sofrem os efeitos da escrita. De fato, também as sociedades ágrafas dos nossos dias não desenvolvem uma oralidade primária fundamentalmente, se considerarmos que, grosso modo, praticamente todas têm conhecimento de que as sociedades modernas praticam a escrita e, por isso, já sentem a sua influência.

A discussão acerca da relação entre a linguagem e o modo de pensar dos membros de sociedades contemporâneas (escolarizadas, industrializadas e marcadas pelo conhecimento científico-tecnológico e pela presença dos meios de comunicação de massa) tomou um novo rumo desde Saussure (1969), passando por Goody (1977) e Ong (1982) até os dias atuais.

Convém ressaltar que, nessa relação, aspectos antropológicos do surgimento da escrita e sua posterior evolução nas sociedades são decisivos. Não só porque essas sociedades passam a ter outra forma de comunicação e expressão do pensamento, mas porque a oralidade ganha um novo perfil, e, principalmente, porque se instauram processos de mudanças sociais, cognitivas e comunicativas com o surgimento da escrita como mais uma modalidade de uso da língua inicialmente e, mais tarde, como uma prática social.

3. *Cultura escrita e a tecnologização*

Primeiramente, há de se afirmar que, onde quer que existam seres humanos, existirá entre eles uma linguagem que se caracteriza por ser falada e ouvida.

A modalidade oral é tão efetiva e natural nas sociedades que das dezenas de milhares, usadas no curso da história do homem, somente cerca de 106 estiveram sob a força da escrita a ponto de produzirem literatura; das outras, ágrafas, muitas desapareceram e, segundo Edmonson (*Apud ONG, op. cit.*, p. 15) das cerca de três mil existentes, apenas cerca de 78 têm literatura (escrita).

Por isso, apesar de advento da escrita e das muitas pesquisas nela concentradas, ainda hoje reflexões sobre a linguagem oral fasci-nam os estudiosos.

Inicialmente, a preocupação fora em torno da comparação entre as duas modalidades: se iguais ou diferentes; concluiu-se que são semelhantes, já que não são estanques, apesar de terem suas particularidades (BOTELHO, 2001, 2002 e 2003).

Em pesquisas mais recentes, a questão é outra e se concentra nas reflexões acerca das características da cultura oral secundária, em que as influências da cultura escrita vêm ocorrendo (ONG, *op. cit.*).

Recentemente, as escolas de linguística moderna vêm pesquisando acerca dos modos como a oralidade secundária, oralidade de cultura escrita, se efetiva sob a perspectiva do letramento. Como se pode observar, trata-se de uma pesquisa sobre a oralidade pré-letramento – aquela que, segundo Brown (1981), é anterior à experiência da escrita –, em comparação com a oralidade pós-letramento – aquela que é posterior à experiência da escrita. Convém ressaltar que não se objetiva, neste trabalho, tratar da oralidade de pessoas que não são escolarizadas tão simplesmente.

Aliás, o estudo da oralidade pré-letramento e da oralidade pós-letramento facilita a compreensão do estudo sobre a cultura escrita, como um fenômeno transformador da verbalização nas sociedades atuais.

4. *Ciclo de simulações contínuas*

Como já foi dito anteriormente, a maioria das pesquisas mais antigas sobre a linguagem oral e a linguagem escrita foi feita, baseada em textos de conversação espontânea (da fala) em comparação com textos em prosa expositiva (da escrita). Sem dúvida alguma, um determinado texto da conversação espontânea, como uma conversa entre amigos, apresenta características da oralidade e pode certamente representar a linguagem oral, assim como um texto em prosa expositiva, como um artigo acadêmico apresenta características da escrita e representa de forma satisfatória a linguagem escrita.

Conversa informal e artigo acadêmico são, sem sombra de dúvida, tipologias diferentes e, por isso, certamente poder-se-iam colocar nas extremidades de uma linha reta.

As linguagens oral e escrita, no entanto, não ocupam as extremidades de uma linha reta; não são dicotômicas. Devem, contudo, ser analisadas como duas práticas discursivas cujas diferenças e semelhanças se dão ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades se situam, de um lado o grau máximo de informalidade e, de outro, o grau máximo de formalismo.

Marcuschi (1995) também já se preocupava em analisar as formas textuais num contínuo tipológico. Nesse trabalho de Marcuschi, surge, pela primeira vez provavelmente, o termo “*continuum* tipológico” que foi sugerido por Biber (1988), para quem na comparação entre a fala e a escrita devem-se considerar seis dimensões significativas de variação linguística e a relação entre os gêneros respectivos a cada um deles e o contínuo tipológico nos usos linguísticos, evitando comparações dicotômicas, baseadas apenas em textos prototípicos de cada modalidade.

Para Kato (1987), o que determina as diferenças entre as modalidades oral e escrita são as diferentes condições de produção, que refletem uma maior ou menor dependência do contexto, um maior ou menor grau de planejamento e uma maior ou menor submissão às regras gramaticais.

Porém é Marcuschi (2001) que, retomando a hipótese do contínuo tipológico que Biber suscitou, e provavelmente considerando o esquema desenvolvido por Kato, descreve com mais propriedade o que venha a ser o contínuo tipológico. O autor desenvolve, inclusive, um gráfico (abaixo) bem mais interessante, em que a noção esquemática dessa postura se mostra bem mais clara.

Daí, levantar a hipótese de que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos.” (MARCUSCHI, 2001, p. 37) e, por conseguinte, afirma que sua preocupação é com as correlações em vários planos, de onde surge um conjunto de variações e não tão somente uma simples variação linear, como se pode verificar no seguinte esquema:

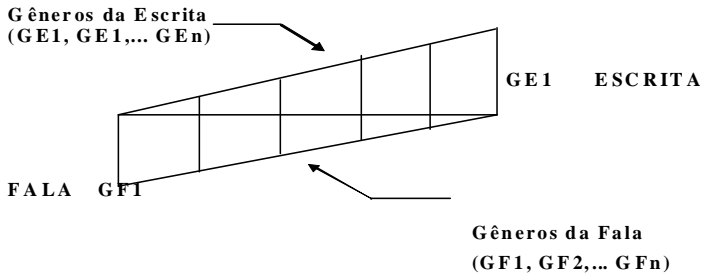


Gráfico 1.

Fala e escritas no contínuo dos gêneros textuais. (Cf. MARCUSCHI, 2001, p. 38)

Segundo Marcuschi (*Ibidem*), pode-se ter a ideia das relações mistas dos gêneros a partir do meio e da concepção das modalidades: a fala é de concepção oral e meio sonoro, enquanto a escrita é de concepção escrita e meio gráfico.

Assim, a relação entre letramento e oralidade consiste em observar o ciclo de simulações contínuas entre oralidade e escrita, durante o qual se dá a influência de uma sobre a outra (BOTELHO, 2002).

4.1. Ciclo de influências mútuas de uma modalidade sobre a outra

Tal ciclo pode ser representado pelo esquema abaixo, que é uma leitura daquele apresentado por Kato (*Op. cit.*, p. 11) para representar a proposta de Brown (*Op. cit.*) sobre a fala pré-letramento e a fala pós-letramento:

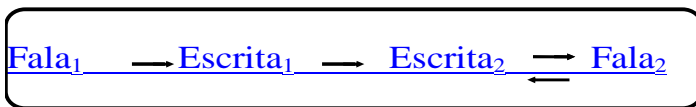


Figura 1. Direção de simulações entre fala e escrita com ciclo de simulações contínuas

Assim como descreve Kato, a Escrita₂ se distingue e se distancia da fala, porém essa “fala” tem que ser entendida como a fala

pré-letramento, ou seja, aquela em que não há influência da escrita, uma vez que ainda não se deu o contato direto com essa modalidade.

Convém lembrar, ainda, que letramento nesse caso deve ser entendido como o manuseio individual do sistema escrito e não um conjunto de práticas sociais.

É essa Escrita₂ que a criança procura simular na fala, constituindo a Fala₂, que por sua vez também influencia a Escrita₂, que continua influenciando a Fala₂. Apesar desse ciclo contínuo, não creio que resulte dele uma fala-padrão, como afirma Kato, corroborando Brown, nem que se dê uma tecnologização da fala, como o quer Ong.

O fato de o falante aculturado ou de certo grau de letramento (agora, como conjunto de práticas sociais) apresentar uma fala de bom nível, que se assemelha à escrita, por apresentar como característica principal a obediência às normas gramaticais e, conseqüentemente, a correção gramatical, não quer dizer que inexoravelmente tenha perdido a sua espontaneidade do falar. Logo, não ocorre exatamente uma fala-padrão, mas uma fala que se assemelha à escrita naturalmente; e como a escrita se caracteriza por apresentar-se de acordo com as normas de uso padrão, a fala que a simula introjeta naturalmente tais normas e aparenta ser padrão como a escrita.

O que não se pode negar é que após o contato contínuo com a escrita o indivíduo falante passa a apresentar uma fala diferente, característica de um falante letrado, em cujas produções textuais as influências que as modalidades exercem uma sobre a outra podem ser sentidas.

Brown conclui que a fala é influenciada pela escrita, negando definitivamente a tese de que a escrita constitui a transcrição da fala ideal ou culta. Na verdade, ao afirmar que “a fala-padrão é a própria simulação da escrita”, o autor inverte completamente a noção que se tinha até então sobre fala e escrita, na qual noção a escrita era vista como “a transcrição da fala”.

Certamente que o objeto de estudo referente à oralidade da cultura oral primária é complexo, pois o contato com sociedades ágrafas nos dias de hoje já põe em dúvida o caráter de oralidade de cultura primária em si. De fato, o que garantiria que outros contatos

com membros de sociedades de oralidade secundária não teriam ocorrido?

Contudo, reflexões sobre as características da oralidade de cultura secundária podem ser feitas, mormente por analogia ao fenômeno da fala pré-letramento em contraste com a fala pós-letramento, apresentada anteriormente.

O fenômeno é semelhante. O que ocorre com a oralidade de membros das sociedades contemporâneas, onde a cultura escrita é efetiva e em muitos aspectos, globalizada, é praticamente o mesmo processo. A mudança de comportamento linguístico, causada por mudanças sócio-linguísticas é inevitável e se dá naturalmente, pois o fenômeno linguístico é essencialmente psíquico.

A influência da escrita sobre a oralidade se verifica desde a antiguidade. Entre os gregos a retórica nada mais era que “a arte ou ciência de falar, técnica refletida e organizada” como se fosse um produto da escrita, sem que fosse especificamente uma escrita falada ou uma escrita para ser falada.

Entre os romanos, o mesmo se deu. Cícero, o grande orador, escreveu os seus magnânimos discursos contra Catilina (o primeiro e o quarto aos Senadores e os outros dois ao povo) meses depois de tê-los proferidos.

Como se pode ver, a escrita nunca inibiu a oralidade, mas a consagrou e a tornou mais eficaz, possibilitando ao usuário de uma língua uma fala mais organizada e ordenada que atinja com mais facilidade e rapidez a objetivos específicos, nos seus mais variados níveis e gêneros discursivos.

Modernamente, entre os ocidentais surgiram os trovadores, que acabaram por reafirmar o caráter estrutural da fala tecnológica ao transportarem para o papel certos gêneros da fala daquela sociedade em forma de cantigas de amor, de amigo e de escárnio e mal-dizer, que apesar de serem escritas não caracterizavam a escrita da época propriamente dita.

Nos dias atuais, entre nós e no mundo inteiro, temos exemplos diversos de discursos orais tecnológicos, que se efetivam em forma

de poesia, de dramas teatrais, televisivos ou cinematográficos, de palestras e variados tipos de comunicação etc.

A influência da cultura escrita é tão efetiva nos dias de hoje, que qualquer pessoa normal tem a sua fala tecnologizada, mesmo que em grau baixo de letramento.

Na verdade, é de se esperar que nas sociedades contemporâneas não haja indivíduos com um nível de letramento nulo; pode haver, e há, analfabetos, mas todos de sua comunidade são letrados, pois nessas sociedades a leitura e a escrita são comuns e de presença muito forte. Todos dessas comunidades fazem uso de leitura e de escrita direta ou indiretamente. Aqueles que não sabem ler, nem escrever também têm contato com essas práticas por meio de outros que as dominam. Até mesmo as crianças que não sabem ler folheiam livros, revistas, jornais, etc., fingindo lê-los; já se inserem, portanto, no universo do letramento; já são letradas a bem dizer, apesar de não serem ainda alfabetizadas (“aquelas que passaram por um tipo qualquer de alfabetização; aquelas que sabem ler”, segundo FERREIRA, 1985, p. 66).

5. Influências da linguagem oral sobre a prática da escrita

Considerando a Figura 1 acima, a Fala₁ é aquela da qual o falante, que ainda não faz uso da escrita (falante iletrado), tem certo domínio; é a fala pré-letramento.

Nos primeiros momentos de desenvolvimento da escrita (Escrita₁. Ver Figura 1), essa fala exerce total influência sobre a prática da escrita, que, para o aprendiz, inconsciente da sua função social e importância nas práticas discursivas sociais, é tão simplesmente uma forma de representação da linguagem oral.

É muito comum, pois, serem encontradas marcas da oralidade em produções escritas desse nível.

Durante a produção dos textos da amostra que será utilizada para a presente digressão senti haver algo além das marcas de uma na outra.

O produto, portanto, é revelador: características de uma são encontradas na outra apesar de suas características particulares. E dependendo do estágio de contato com a oralidade e a escrita em que se encontra o produtor (falante-escritor), tais influências são ainda mais sentidas.

É a escrita que, inicialmente, recebe influência da oralidade (Escrita₁). Mais tarde, é-lhe imposta uma escrita convencionada, socializada (Escrita₂), que difere substancialmente daquela utilizada até então. Esta influencia a sua fala (Fala₂), que procura agora reproduzir a escrita, num ciclo contínuo de simulações.

Baseado nesta concepção, é que pude observar que textos escritos da 5^a série do ensino fundamental – nível inicial de técnicas de redação – apresentam uma semelhança muito grande com a sua oralidade. Para comprovar a hipótese de que a oralidade exercia influência na escritura daquele nível escolar, o que não ocorreria nas 2^a e 3^a séries do ensino médio, cujos alunos procuram escrever conforme a norma culta e se autocorrigem ao falarem, pedi-lhes que gravassem um texto narrativo sobre um fato marcante, e, mais tarde, que escrevessem aquela narrativa. Comparando os textos escritos com os textos orais, pude comprovar a minha hipótese.

6. Apresentação e análise dos resultados

Levando em consideração a característica SVO da estrutura frasal da língua portuguesa (que é mais incidente), o que faz a maioria dos estudiosos classificá-la como sendo uma língua de proeminência de sujeito, e que a modalidade tomada como referência é a escrita (língua-padrão), classificarei como desviante qualquer estrutura com características diferentes, como é o caso da construção de tópico.

Considerando, ainda, a construção de tópico como uma característica da estrutura frasal do português falado no Brasil, conceberei as construções desviantes encontradas nos textos escritos influência da oralidade.

Observei os seguintes processos: Topicalização, Construções Passivas, Relativização e Elementos de Coesão.

Urge ressaltar que este estudo é de natureza estruturalista e que tomou, como referência, as estruturas superficiais.

A seguir uma amostragem dos fenômenos escrutados nos textos escritos:

6.1. Topicalização

- (01) No sábado, eu tinha uma festa (...)
- (02) Fui eu e mais dois colegas nossos.
- (03) Todas as pessoas que não estavam de carro, ele gritava: – vai a pé, vai a pé.

O caso de topicalização a partir de deslocamento de termos (mormente, de adjunto adverbial) e de inversão do sujeito é tão frequente na linguagem escrita, que se poderia dizer que constitui uma característica desta modalidade quando se deseja um efeito especial.

Em português, a distinção entre topicalização e D.E. (duplo sujeito) se torna difícil, uma vez que o fenômeno da elisão de pronome é muito incidente.

Nenhuma construção com duplo sujeito, o que a tradição chamaria de anacoluto, foi encontrada.

6.2. Construção Passiva

- (04) Quase fomos esmagados na porta.
- (05) (...) e um carro de bombeiro foi chamado.

É mister ressaltar que, apesar de terem sido encontrados apenas 05 (cinco) exemplos nos textos analisados, as construções de voz passiva (principalmente, as sintéticas) são construções de tópico facilmente encontradas em textos escritos, o que põe em dúvida a classificação do português como língua de proeminência de sujeito.

6.3. Relativização

(06) (...) para o homem que estava ajudando ela.

(07) (...) da vizinha, cujo filho era meu colega.

As construções com relativização são comuns em ambas as modalidades (oral e escrita) e, nos textos analisados, muitas destas construções foram encontradas.

O que é interessante observar é que não ocorreram falhas quanto ao uso do relativo, como é comum na oralidade: falhas quanto ao uso da preposição necessária ou inadequação do relativo escolhido, como é o caso do uso de “que” universal (sem função na subordinada), ou de “que” em lugar de “cujo”, ou de “cujo” em lugar de “que”, ou “onde” em lugar de outro relativo.

Porém, não posso dizer o mesmo quanto à distinção entre a oração subordinada adjetiva explicativa e a restritiva, pois, nos textos analisados, os alunos demonstraram não terem domínio das regras de pontuação. Como por exemplo:

(08) (...) falava sobre seu carro que, segundo eu era um Monza do ano.

(09) Todos os convidados viam a minha alegria que irradiava o salão inteiro.

6.4. Elementos de Coesão

6.4.1. Anáfora

(10) (...) para tentar pegar a moça mas quando ela chegou perto da ladra.

(11) Depois disso a minha tia não quis saber de voltar lá.

6.4.2. *Catáfora*

- (12) Foi o maior auê, todo mundo me zoando.
 (13) Mais tarde teve um grande momento coloquei o vestido (...)

6.4.3. *Elipse*

- (14) Nós entramos eu experimentei e adorei.
 (15) A Apoteose ainda estava vazia (...) e quando deu 7:00h estava lotado.

6.4.4. *Repetição*

- (16) Nós ficamos espremidos entre a grade (...) só que a grade “graças a Deus” aguentou.
 (17) (...) e fui andando o viaduto do Maracanã a pé até que eu cheguei no Maracanã.

6.4.5. *Pontuação*

- (18) (...) um homem que estava ao meu lado, foi um desespero, eu não sabia o que fazer.
 (19) Chegamos lá estava a maior confusão para entrar.

6.4.6. *Conectivos*

- (20) Larguei o homem lá e saí pela janela do ônibus.
 (21) Apesar das condições de transporte a noite de sábado foi boa.

6.4.7. *Marcadores Discursivos*

- (22) Porém a minha tia viu e a moça foi embora.
 (23) Então conforme as pessoas iam saindo (...)

A análise, a partir dos elementos de coesão, é deveras interessante devido ao grande número de exemplos.

A coesão feita pela substituição de componente por uma forma (elemento gramatical representante de um outro elemento) pode ser verificada em todos os textos analisados. A anáfora ocorreu em grande número; a elipse, considerando os casos em que o sujeito (pronome reto) não é necessário, também foi bastante incidente; a catáfora não foi muito utilizada.

A Coesão feita pela repetição de componentes pode ser observada em todos os textos analisados, e a incidência de estruturas com termos repetidos é bastante considerável. Pouco utilizado foi o processo de coesão a partir da pontuação, sem o recurso de outros elementos, enquanto que o processo de coesão a partir de conectivos (elemento de ligação entre orações: conjunção, pronome relativo, preposição e advérbio) foi muito utilizado

Alguns casos de construção com marcadores discursivos (elementos funcionais que contribuem para a textura, sem que o elemento referencial seja necessariamente o imediatamente anterior).

Elementos de coesão ocorrem em ambas as modalidades. A diferença reside na escolha do elemento; na linguagem oral, os marcadores discursivos (especialmente “af”) são mais incidentes e isto provoca a fragmentação. A falta de conectivos também é bastante incidente, e, quando o conectivo é utilizado, verificam-se as falhas.

A utilização de elementos de coesão do tipo conectivo nos textos analisados também favorece a hipótese da influência da oralidade sobre a escrita.

Além destes elementos acima relacionados, encontrei algumas estruturas sintáticas truncadas, para cuja análise tive dificuldade (seis, ao todo).

- (24) No sábado seguinte eu tinha uma festa de 15 anos para eu ir, de uma colega da rua, a Cris, (...)
- (25) No caminho houve ataque da Força Jovem que é a torcida do Vasco inimiga.

7. *Considerações finais*

Fica mais do que comprovado que as diferenças entre oralidade e escrita se fundam no processo de produção de seus textos. Logo, faz-se necessário partir de um componente de ordem funcional na análise da relação oralidade/escrita enquanto modalidades de uso da língua, pois é no uso que a língua se efetiva, tanto na fala, quanto na escrita. No uso da língua, determinam-se sentidos e formas de produção discursivas.

Logo, qualquer estudo que se propõe determinar diferenças e similaridades entre a oralidade e a escrita deve ser feito a partir das produções linguísticas, que se dispõem num contínuo tipológico.

A partir da noção de contínuo dos gêneros fica claro que muitos autores se equivocaram quando afirmaram que a fala é uma forma dialogada e a escrita, monologada, fazendo uma verdadeira confusão entre uma das formas de textualização da fala (a conversação) com modalidade oral em si e entre uma das formas da escrita (textos acadêmicos) com a modalidade escrita.

Oralidade e escrita, como práticas sociais, se inter cruzam e se completam, embora apresentem cada uma por si características particulares. Por isso, a evolução de uma se relaciona com a prática efetiva da outra, sendo ambas atividades comumente desenvolvidas em sociedades modernas.

De certo, somos da opinião que, na fala do usuário proficiente, podem-se perceber efeitos do letramento, já que constatamos que, nos diversos estágios do uso da língua, as linguagens oral e escrita influenciam uma à outra, o que torna seus produtos efetivamente semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOTELHO, J. M. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese de doutorado em Letras – Estudos da Linguagem. Pon-

tífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Oralidade e escrita, como práticas sociais. *Amarantes e Depois – Revista da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da FFP-UERJ*, Ano I, n. 1, 2/2002, p. 57-74.

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. *Cadernos do CNLF*, Ano VII, n. 7, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2003, p. 157-77.

_____. A tecnologização da fala, sob a perspectiva do letramento. In: BOTELHO, J. M. (Org.) *et al. Estudos reunidos: linguagem, literatura e gramática*. Rio de Janeiro: Botelho, 2005, p. 11-8.

BRITTON, J. *et al. The development of writing abilities*. London: McMillan, 1975.

BROWN, G. Teaching the spoken language. *AILA*. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-182.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. *et al* (Eds.). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-23.

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, R.; SAMUELS, S. J. (Eds.). *Comprehending oral and written Language*. New York: Academic Press, 1987, p. 83-113.

CHAFE, W.; TANNEN, D. The relation between written and spoken language. [s.i.: s.n.], *American Anthropological Review Antropol.* 1987, p. 383-407.

GOODY, J.; Watt, I. The consequences of literacy. In: GOODY, J. (Ed.). *Literacy in traditional societies*. London: Cambridge University Press, 1968.

_____. *As conseqüências do letramento*. Trad. de Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Palistana, 2006. (Coleção Biblioteca Básica)

FÁVERO, L. L. *et al. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KATO, M. A. (Org.). *No Mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Â. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras. 1995. p. 91-117.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: UNICAMP, 1997, p. 31-8.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The savage mind*. Título Original em francês: *La pensée sauvage*, 1962. Chicago: UCP, 1966.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, W. J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

_____. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

OLSON, D. R. et al. (Eds.). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-23.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. de Antônio Chelini et alii. São Paulo: Cultrix, 1969.

TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. In: TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex, 1982.